

2 0 2 4

# PARIS



**GUIA DE ATLETAS,  
MODALIDADES E  
INVESTIMENTOS  
FEDERAIS NO ESPORTE  
PARALÍMPICO BRASILEIRO**



GOVERNO FEDERAL  
MINISTÉRIO DO  
ESPORTE

**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

# APRESENTAÇÃO

O Brasil vai disputar os Jogos Paralímpicos de Paris 2024 com a maior delegação da história em um evento fora do país. São 280 atletas no total. E a importância do Programa Bolsa Atleta do Governo Federal fica clara: 274 dos convocados, ou 97,8%, fazem parte do programa. Dos seis que não fazem parte atualmente, quatro já estiveram em editais anteriores. Os outros dois são guias, que correm ao lado de atletas com deficiência visual. O primeiro edital do Bolsa Atleta em que atletas-guia puderam ser contemplados foi o de dezembro de 2023, após a aprovação da Lei Geral do Esporte.

A delegação brasileira terá representantes em 20 das 22 modalidades: Atletismo, Badminton, Bocha, Canoagem, Ciclismo, Esgrima, Futebol de cegos, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Taekwondo, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo e Vôlei sentado. Em 17 das 20 modalidades com representantes brasileiros, 100% dos atletas do país fazem parte do Bolsa Atleta.

Eles chegam à França apoiados por um investimento maciço do Governo Federal. No ano passado, o aporte total superou os R\$ 300 milhões. Nesse valor está abrigado o tripé que hoje representa a maior fonte de recursos específicos do esporte de alto desempenho, formado pela Lei das Loterias, o Bolsa Atleta e a Lei de Incentivo ao Esporte.

Em 2023, o Bolsa Atleta investiu R\$ 121 milhões em atletas de modalidades olímpicas e paralímpicas, para um recorde de 8.292 bolsas concedidas. Em 2024, o recorde foi ampliado, com mais de 9 mil atletas contemplados. O investimento supera os R\$ 160 milhões.

Em 2024, ano em que completa 20 anos, o maior programa de patrocínio direto a atletas do mundo também foi reajustado após 14 anos. O presidente Lula assinou decreto que aumentou os valores das bolsas em 10,86%.

*“O Bolsa Atleta é um incentivo que vai diretamente para os nossos atletas. Isso faz toda a diferença na preparação deles. No esporte paralímpico, esse apoio é ainda mais importante. Além disso, temos uma Secretaria que acompanha de perto o desenvolvimento do Paradesporto e desenvolve ações e programas específicos. Tudo isso para que nossos sportistas tenham uma infraestrutura adequada e possam focar apenas em treinar e competir”, afirma o ministro do Esporte, André Fufuca.*

*“Eu costumo dizer que o programa Bolsa Atleta tem um impacto decisivo no grande salto que o paradesporto brasileiro deu, nos últimos anos. Basta lembrar que em 1996 o Brasil figurava no 37º lugar do ranking mundial do paradesporto. Já na edição de 2020 dos Jogos Paralímpicos, o time brasileiro conquistou a sua melhor posição, alcançando o sétimo lugar no ranking e recorde de medalhas. Isso não deixa nenhuma dúvida sobre a relevância do Bolsa Atleta para o paradesporto brasileiro”, complementa o secretário Nacional de Paradesporto, Fábio Araújo.*

*O Brasil tem 373 medalhas conquistadas em Jogos Paralímpicos, em 11 edições. São 109 ouros, 132 pratas e 132 bronzes. As três modalidades que mais garantiram pódios ao país são atletismo (170 medalhas – 48 ouros, 70 pratas e 52 bronzes), natação (125 medalhas – 40 ouros, 39 pratas e 46 bronzes) e judô (25 medalhas – cinco ouros, nove pratas e 11 bronzes). A melhor campanha do país nos Jogos foi na última edição, em Tóquio 2020, ocasião em que o país ficou na sétima posição, com 22 ouros, 20 pratas e 30 bronzes – 72 medalhas no total.*

## **Mais investimentos**

A Lei de Incentivo ao Esporte também quebrou recordes em 2023. Foram 5.883 projetos apresentados, um aumento de 93% em relação a 2022. Também foi alcançada a marca histórica de mais de R\$ 948 milhões captados e um milhão de beneficiários atendidos. No recorte de propostas voltadas para o esporte de alto desempenho, são 2.178 projetos apresentados e R\$ 196,7 milhões captados.

Por meio da Lei das Loterias, foram repassados no ano passado R\$ 223,2 milhões ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Para o Comitê Brasileiro de Clubes Paralímpicos (CBCP), foram repassados R\$ 15,8 milhões.

Além disso, o Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, recebeu R\$ 149,630 milhões de investimentos do Governo Federal, por meio do Ministério do Esporte, para sua construção. Maior legado dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, o CT tem instalações esportivas indoor e outdoor que servem para treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e seleções em 20 modalidades paralímpicas.

O CT ainda conta com área residencial com alojamentos com capacidade para 300 leitos, refeitório, lavanderia e um setor administrativo com salas, auditórios e outros espaços de apoio. No Centro de Treinamento funciona a sede administrativa do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), na qual atuam mais de 300 profissionais de diversas áreas.

O CT Paralímpico tem por missão desenvolver ações que possam posicionar o país entre as maiores potências esportivas do mundo. A construção do primeiro Centro de Treinamento Paralímpico do Brasil foi oficializada em janeiro de 2013, em São Paulo. O objetivo, também, é desenvolver iniciativas que ajudem a massificar o esporte paralímpico no Brasil e auxiliar na inclusão da pessoa com deficiência em nossa sociedade.

Esses investimentos fornecem os recursos necessários para a preparação dos atletas e ajudam a criar uma infraestrutura adequada para treinamento e competições. Com o apoio governamental, atletas podem se concentrar totalmente em seus treinamentos, sem se preocupar com outras questões.

Focados em alcançar o melhor desempenho possível, nossos atletas servem como exemplo para jovens e adultos, ajudando a promover a prática esportiva como ferramenta fundamental para o aumento da qualidade de vida no país e também inspirando crianças e jovens a buscarem no esporte um caminho saudável e de inclusão social.

# ATLETISMO

Carro-chefe da história do Brasil em Jogos Paralímpicos, o atletismo nacional chega a Paris com dose extra de expectativa. O país terminou os dois últimos mundiais da modalidade na segunda colocação geral. Em um deles, superou em número de pódios a China, primeira no critério de ouros. Os resultados e os índices alcançados permitiram ao time nacional chegar à França com seu maior elenco de todos os tempos: 89 competidores, entre 71 atletas e 18 guias.

Historicamente, o atletismo sozinho responde por 170 pódios do Brasil, 45,5% do total de 373 medalhas que o país conquistou nas 11 edições de Jogos Paralímpicos que disputou.

No atletismo paralímpico, os competidores são divididos em grupos, de acordo com o grau de deficiência. Os que disputam provas de pista, rua e salto levam a letra T (de Track) em sua classe. Já os de campo usam a letra F (de Field) em sua classificação.

As classes da pista (T) são: T11 a T13 (deficiências visuais); T20 (deficiências intelectuais); T31 a T38 (paralisia cerebral); T40 e T41 (baixa estatura); T42 a T44 (deficiência nos membros inferiores sem a utilização de prótese); T45 a T47 (deficiência nos membros superiores); T51 a T54 (competem em cadeira de rodas); T61 a T64 (deficiências nos membros inferiores com prótese); RR1 a RR3 (deficiência grave de coordenação motora).

As classes no campo (F) são: F11 a F13 (deficiências visuais); F20 (deficiências intelectuais); F31 a F38 (paralisia cerebral); F40 e F41 (baixa estatura); F42 a F44 (deficiência nos membros inferiores); F45 e F46 (deficiência nos membros superiores); F51 a F57 (competem em cadeiras de rodas); F61 a F64 (deficiências nos membros inferiores com prótese).

Os atletas-guia e de apoio auxiliam os atletas paralímpicos em duas classes. Na T11, correm ao lado do atleta e usam o cordão de ligação. No salto em distância, é auxiliado por um apoio. Na T12, atleta-guia e apoio, no salto, são opcionais.



Foto: Alessandra Cabral - CPB

# BOLSISTAS

## Bolsistas

**Alan Fonteles**  
**Alice Correa**  
**Aline Rocha**  
**André Rocha**  
**Antônia Keyla Barros**  
**Ariosvaldo Fernandes**  
**Aser Ramos**  
**Bartolomeu Chaves**  
**Beth Gomes**  
**Camila Muller**  
**Christian Gabriel**  
**Cícero Nobre**  
**Clara Daniele Barros**  
**Claudiney Batista**  
**Daniel Mendes**  
**Daniel Tavares**  
**Débora Oliveira**  
**Edenilson Floriani**  
**Edneusa de Jesus Santos**  
**Edson Cavalcante**  
**Eduardo Pereira**  
**Emanoel Victor**  
**Fábio Bordignon**  
**Felipe Gomes**  
**Fernanda Yara**  
**Gabriela Mendonça**  
**Giovanna Boscolo**  
**Henrique Nascimento**  
**Izabela Campos**  
**Jardênia Felix**  
**Jerusa Geber**  
**Jéssica Gabrieli**  
**Jhulia dos Santos**  
**Joeferson Marinho**  
**Julio César Agripino**  
**Julyana Cristina**  
**Kesley Teodoro**  
**Ketyla Teodoro**  
**Lorena Silva Spoladore**  
**Lorraine Gomes de Aguiar**  
**Lucas de Sousa Lima**

**Lucas Sousa Pereira**  
**Marcos Vinicius Oliveira**  
**Maria Clara Silva**  
**Marivana Oliveira**  
**Mateus Evangelista**  
**Matheus de Lima**  
**Paulo Cezar Neto**  
**Paulo Henrique dos Reis**  
**Petrúcio Ferreira Raíssa Rocha Machado**  
**Raissa Rocha Machado**  
**Rayane Soares da Silva**  
**Ricardo Gomes de Mendonça**  
**Rodrigo Parreira da Silva**  
**Samira da Silva Brito**  
**Samuel Oliveira Conceição**  
**Suzana Nahirnei**  
**Thalita Vitória Simplício da Silva**  
**Thiago Paulino Dos Santos**  
**Vanessa Cristina De Souza**  
**Veronica Silva Hipolito**  
**Vinicius Goncalves Rodrigues**  
**Viviane Ferreira Soares**  
**Wallace Antonio De Oliveira Dos Santos**  
**Wallison Andre Fortes**  
**Wanna Helena Brito Oliveira**  
**Washington Assis Do Nascimento Junior**  
**Yeltsin Francisco Ortega Jacques**  
**Zileide Cassiano Da Silva**

### **Atletas-Guia**

**Alessandro De Souza**  
**Edelson De Avila Almeida**  
**Efraim Elias De Andrade**  
**Felipe Veloso Da Silva**  
**Fernando Martins Ribeiro Junior**  
**Gabriel Aparecido Dos Santos Garcia**  
**Guilherme Ademilson Dos Anjos Santos**  
**Jonas Alexandre De Lima Silva**  
**Marcos Jose Silva Dos Santos**  
**Micael Batista Dos Santos**  
**Newton Vieira De Almeida Junior**  
**Renato Ben Hur Costa Oliveira**  
**Rodrigo Chieregatto Arcanjo**  
**Wendel De Souza Silva**  
**Thiago do Rosario**  
**Vinicius Amador**

### **Sem Bolsa Atleta em 2024**

**Alessandro da Silva**  
**Thomaz Ruan De Moraes**  
**Antonio Henrique Barreto Lima (Atleta-guia)**  
**Patrick Paiva De Souza (Atleta-guia)**

# BADMINTON

O badminton é estruturado para pessoas com deficiência física e compôs o programa dos Jogos Paralímpicos pela primeira vez em Tóquio 2021. Para praticar a modalidade, atletas em cadeira de rodas e andantes utilizam uma raquete para golpear uma peteca na quadra dos adversários competindo em provas individuais, duplas (masculinas e femininas) e mistas em seis classes funcionais diferentes.

A modalidade estreou no programa dos Jogos Paralímpicos em Tóquio 2020. Naquela ocasião, o Brasil foi representado somente pelo paranaense Vitor Tavares, que terminou na quarta colocação da competição.

As classes do badminton paralímpico são: WH1 e WH2 (Classes funcionais de cadeiras de rodas); SL3 e SL4 (Classes funcionais de pessoas com deficiência nos membros inferiores que andam); SU5 (Classe funcional de pessoas com deficiência nos membros superiores); SH6 (Classes funcionais de baixa estatura).



Foto: Alessandra Cabral - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Daniele Souza**  
**Rogério Oliveira**  
**Vitor Tavares**

# BOCHA

Seis bolinhas vermelhas de um lado, seis azuis do outro e um objetivo comum a quem as lança: ficar o mais perto possível da bolinha branca, mais conhecida como “jack”. Em duas linhas de uma explicação resumida, esse é objetivo da bocha, modalidade com 40 anos de história no programa dos Jogos Paralímpicos.

A modalidade é praticada por pessoas com alto grau de paralisia cerebral ou deficiências severas. A bola pode ser jogada com as mãos, os pés ou, em casos das classes com maior restrição de mobilidade, com hastes. Neste caso, os assistentes esportivos (de costas para a área de jogo), seguem orientação dos atletas, posicionam as calhas, ajustam a altura, encaixam as bolinhas e deixam a jogada pronta para o atleta fazer o lançamento, às vezes usando varetas adaptadas às mãos, à boca e em alguns casos com hastes no capacete.

A bocha paralímpica divide os atletas em quatro categorias, de acordo com o grau de mobilidade de cada um. BC1: O atleta tem a opção de auxílio de ajudantes, que podem estabilizar ou ajustar a cadeira de rodas do jogador e entregar a bola quando pedido. BC2: Os atletas não recebem assistência e têm mais mobilidade de tronco para lançar as bolinhas. BC3: É para atletas com deficiências muito severas. Usam hastes, calhas e instrumentos de auxílio. Podem ser ajudados por outra pessoa. BC4: Outras deficiências severas, mas que não recebem assistência.

O Brasil tem longa estrada no esporte. Já subiu 11 vezes ao pódio: seis ouros, uma prata e quatro bronzes. É a quarta modalidade em números de pódios para o país na história dos Jogos Paralímpicos, atrás apenas de atletismo (170), natação (125) e judô. (25).

Em Paris, a seleção nacional tem o maior número de representantes entre os 124 atletas que vão competir em 11 eventos com medalhas na Arena Paris Sul. São nove atletas, além de três assistentes.

Os 12 integrantes da delegação nacional recebem apoio do programa do Ministério do Esporte. O investimento mensal nos 12 atletas é de R\$ 145 mil.



Foto: Alessandra Cabral – CPB

# BOLSISTAS

## Bolsistas

**Andre Martins Costa**  
**Andreza Vitoria Ferreira De Oliveira**  
**Evani Soares Da Silva Calado**  
**Evelyn Vieira De Oliveira**  
**Iuri Tauan Saraiva Da Silva**  
**Jose Carlos Chagas De Oliveira**  
**Laissa Polyanna Guerreira**  
**Maciel De Sousa Santos**  
**Mateus Rodrigues Carvalho**

## Calheiros

**Oscar Carvalho**  
**Renata Silva**  
**Roberto Ferreira**

# CANOAGEM

A canoagem paralímpica surgiu em 2009, por iniciativa da Federação Internacional da modalidade olímpica. Podem competir no esporte atletas com deficiência físico-motora dos dois sexos. Nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, que marcou a estreia da modalidade, foram disputadas apenas as provas de caiaque velocidade 200m. Outras distâncias e disputas em canoa foram introduzidas no programa dos Jogos a partir de Tóquio 2020. Ao todo, o Brasil conquistou quatro medalhas na história da competição.

Na Classificação Esportiva Paralímpica, os competidores são divididos em grupos de acordo com o grau de movimentação dos membros inferiores, superiores e do tronco. As classes KL são para atletas que competem utilizando o caiaque, enquanto VL é a classe destinada aos que usam a embarcação canoa. KL1 / VL1: Usa somente os braços na remada. KL2 / VL2: Usa tronco e braços na remada. KL3 / VL3: Usa braços, tronco e pernas na remada.



Foto: Alessandra Cabral - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Adriana Azevedo**  
**Aline Oliveira**  
**Débora Benevides**  
**Mari Santilli**  
**Fernando Rufino**  
**Igor Tofalini**  
**Luis Carlos Cardoso**  
**Miqueias Rodrigues**

# CICLISMO

O Ciclismo é uma modalidade realizada com a bicicleta e praticada por atletas, de ambos os sexos, com deficiência física e deficiência visual. Paralisados cerebrais, amputados e lesionados medulares (cadeirantes) competem no ciclismo adaptado. Obedecendo às regras da União Internacional de Ciclismo (UCI), a modalidade tem apenas algumas diferenças para adequar-se ao programa paralímpico. As provas são divididas entre competições de pista (velódromo) e competições de estrada.

A estreia brasileira na modalidade em Jogos Paralímpicos ocorreu em Barcelona 1992, com a participação de Rivaldo Gonçalves Martins. O atleta foi também o primeiro do país a ser campeão mundial, em 1994, na Bélgica. Já a primeira medalha paralímpica veio com Lauro Chaman nos Jogos do Rio 2016. Na ocasião, ele conquistou dois pódios, sendo uma prata e um bronze. Até hoje, são as duas únicas medalhas do Brasil na modalidade na história da competição.

Os atletas podem competir em quatro tipos de bike, de acordo com a deficiência: convencional, triciclo, tandem e handbike.

Os ciclistas são divididos em quatro grandes grupos de classes que são subdivididas pelo grau de severidade da deficiência. As que começam com H (H1, H2, H3 e H4) tem ciclistas que se posicionam deitados no banco da bicicleta. Na H5, ficam ajoelhados e usam, também, a força do tronco para impulsionar a bike.

Atletas da T1 são mais debilitados que os da T2 e, os dois grupos, andam de triciclo. Nas classes C1 a C5, quanto menor o número, mais debilitado é o atleta. E, por fim, na tandem, exclusiva dos atletas com deficiência visual, uma dupla pedala.

**B8H1 a H5:** Atletas que têm comprometimento em membros inferiores e não conseguem pedalar com as pernas. Usam uma bicicleta chamada handbike e “pedalam” com as mãos. Na classe H5, os atletas “pedalam” ajoelhados, sentados ou em pé, sustentados pelo coto no caso dos atletas com amputação bilateral.

**T1 e T2:** Atletas com comprometimento locomotor e, devido à falta de equilíbrio, necessitam usar um triciclo para pedalar em segurança.

**C1 a C5:** Atletas que possuem comprometimento em membros superiores e/ou inferiores, mas conseguem pedalar com as pernas. Usam a bicicleta modelo Speed.

**Tandem:** Direcionada para atletas com deficiência visual. Para poderem pedalar, os atletas usam a bicicleta de modelo tandem (bicicleta dupla) na qual um atleta com visão, chamado de piloto, pedala no assento da frente, enquanto o atleta com deficiência visual pedala no assento de trás.

# BOLSISTAS

## Bolsistas

**Carlos Alberto Gomes Soares**

**Jady Martins Malavazzi**

**Lauro Cesar Moro Chaman**

**Mariana Garcia**

**Sabrina Custodia Da Silva**

**Ulisses Leal Freitas**



Foto: Marco Antonio Teixeira - MPIX - CPB

# ESGRIMA

Destinada a atletas com deficiência locomotora, a esgrima adaptada surgiu em 1953 e foi aplicada originalmente pelo médico alemão Ludwig Guttmann, o pai do movimento paralímpico. A modalidade, uma das mais tradicionais, é disputada desde a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, em Roma 1960.

Praticado por pessoas com amputações, lesão medular ou paralisia cerebral, a esgrima em cadeira de rodas é um esporte rápido e tenso, no qual os atletas devem usar sua inteligência e raciocínio estratégico para vencer seu adversário, julgando o momento e a quantidade de ataques assim como os movimentos defensivos.

Em Londres 2012, o gaúcho Jovane Guissone conquistou a primeira medalha do Brasil na modalidade em Jogos Paralímpicos, quando foi ouro na espada B. Em Tóquio 2020, o mesmo atleta conseguiria o segundo pódio para o país, com a prata também na espada B.

Os atletas são avaliados, principalmente, de acordo com a mobilidade do tronco. Eles podem ser classificados em três categorias: A, B e C, sendo a C a mais severa e, a A, a menos comprometida. Categoria A: Atletas com mobilidade no tronco; amputados ou com limitação de movimento. Categoria B: Atletas com menor mobilidade no tronco e equilíbrio. Categoria C: Atletas com tetraplegia, com comprometimento do movimento do tronco, mãos e braços.



Foto: Marco Antonio Teixeira - MPIX - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Carminha Oliveira**  
**Jovane Guissone**  
**Monica dos Santos**  
**Rayssa Veras**  
**Kelvin Damasceno**  
**Lenilson Oliveira**  
**Vanderson Chaves**

# FUTEBOL DE CEGOS

O título foi apenas o primeiro de um time que, até hoje, é imbatível na modalidade em Jogos Paralímpicos. Depois de vencer em 2004, o Brasil repetiu o ouro em Pequim 2008, Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2021. Nesse percurso, são 54 gols marcados em 27 partidas disputadas: 21 vitórias, seis empates e nenhuma derrota. Na campanha de ouro mais recente, nos Jogos do Japão, foram cinco vitórias em cinco jogos: 12 gols marcados e nenhum sofrido.

Com esse repertório, o Brasil chega aos Jogos Paralímpicos de Paris 2024 disposto a manter o status de dream team e, pela sexta vez seguida, conquistar a medalha dourada.

No futebol de cegos, cada time é formado por cinco jogadores – um goleiro e quatro na linha. Os jogadores usam venda nos olhos e, se tocarem nela, cometem falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído. Apenas o goleiro tem visão total e atua numa área restrita. A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la pelo barulho. A torcida só se manifesta na hora do gol e nos intervalos. Os atletas contam com três referências: (o goleiro, o técnico e o chamador). O chamador fica atrás do gol rival. Ele sinaliza onde os jogadores devem se posicionar e quando e para onde devem chutar. Quando há uma falta, ele bate com um objeto metálico nos dois lados da trave e no travessão para o atacante saber onde acertar.

A Seleção estreia no futebol de cegos no dia 1º de setembro, às 8h30 (de Brasília), contra a Turquia.

As partidas em Paris serão no Eiffel Tower Stadium, tendo ao fundo o mesmo cenário dos jogos do vôlei de praia nas Olimpíadas: um dos cartões postais mais famosos do planeta e um dos símbolos da capital francesa.

Todos os jogadores da Seleção de futebol de cegos são integrantes do Bolsa Atleta, o programa de patrocínio direto do Governo Federal. Os dez integrantes recebem apoio do programa do Ministério do Esporte.



Foto: Alessandra Cabral – CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Cássio Reis**  
**Jardiel Vieira**  
**Jeferson Gonçalves**  
**Jonatan Felipe**  
**Maicon Júnior**  
**Raimundo Nonato**  
**Ricardo Alves**  
**Tiago da Silva**  
**Luan Lacerda**  
**Matheus da Costa**

# GOALBALL

Três atletas de cada lado e uma trave gigante, do tamanho da linha de fundo: nove metros de largura e 1,30m de altura. A missão é arremessar a bola (com as mãos) para o outro lado e marcar gols. As partidas são em dois tempos de 12 minutos, com três de intervalo. Vence quem marca mais gols. A partida pode acabar antes do tempo normal se uma equipe estabelece diferença de dez gols em relação a outra. Esse é o goalball.

Modalidade exclusiva do programa dos Jogos Paralímpicos, o goalball é praticado por pessoas com deficiência visual. Para garantir igualdade, todos jogam vendados. A bola é pesada, 1,25kg, e tem um guizo dentro, um chocalho, para que os atletas possam acompanhar a trajetória da bola e fazer as defesas.

No masculino, o Brasil tem amplo destaque no cenário internacional do goalball. É tricampeão mundial e o atual campeão dos Jogos Paralímpicos.

No feminino, a seleção já chegou várias vezes próximo da medalha, e tenta em Paris o pódio inédito. No Japão, ficaram com a quarta colocação.

Tanto no masculino quanto no feminino, oito seleções conquistaram as vagas para os Jogos de Paris. São dois grupos de quatro times. As equipes jogam entre si em turno único dentro da chave. Os dois melhores de cada grupo se classificam para a semifinal.

A seleção masculina começa a defesa do título no dia 29 de agosto, a partir das 12h30 (de Brasília), contra a anfitriã França. O grupo brasileiro tem, além da França, Irã e Estados Unidos (campeão pan-americano). O Grupo B reúne China (vice-campeã mundial), Ucrânia (campeã europeia), Egito e Japão. No feminino, a seleção encara, além da Turquia na estreia, China e Israel. O Grupo B é composto por Coreia do Sul, Canadá, França e Japão.

A primeira participação do Brasil na modalidade em Jogos Paralímpicos aconteceu em Atenas, 2004, com o time feminino. De lá para cá, o país subiu ao pódio três vezes, sempre com a equipe masculina - prata em Londres 2012, bronze no Rio 2016 e ouro em Tóquio 2020.



Foto: Alessandra Cabral - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Ana Gabriely Brito**  
**Danielle Longhini**  
**Jéssica Vitorino**  
**Kátia Aparecida Ferreira**  
**Moniza Lima**  
**André Cláudio Dantas**  
**Emerson Silva**  
**Josemárcio Sousa**  
**Leomon Moreno**  
**Paulo Saturnino**  
**Romário Marques**

## **Sem Bolsa Atleta em 2024**

**Geovana Moura**

# HALTEROFILISMO

No halterofilismo, competem homens e mulheres que possuam deficiência nos membros inferiores (amputados e lesionados medulares) e paralisados cerebrais. Os atletas executam um movimento chamado supino, deitados em um banco. Cada competidor tem três tentativas. O maior peso levantado é considerado como resultado final.

Durante a disputa, três árbitros avaliam as tentativas de levantamento de peso. A bandeira branca significa que o movimento foi válido e a vermelha, inválido. O atleta precisa ter, pelo menos, duas bandeiras brancas para que os quilos alçados sejam considerados.

Os atletas competem em classe única, divididos por categorias de peso corporal, assim como na modalidade olímpica. São disputadas dez categorias masculinas e dez femininas.



Foto: Alessandra Cabral - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Ailton De Andrade Bento De Souza**

**Ana Paula Goncalves Marques**

**Caroline Fernandes Alves**

**Evanio Rodrigues Da Silva**

**Ezequiel De Souza Correa**

**Lara Aparecida**

**Maria De Fatima Costa De Castro**

**Maria Rizonaide Da Silva**

**Mariana D'Andrea**

**Mateus De Assis Silva**

**Tayana De Souza Medeiros**

# HIPISMO

Competem no hipismo homens e mulheres que tenham deficiência físico-motora ou visual. A estreia paralímpica da modalidade ocorreu nos Jogos de Nova Iorque (EUA), em 1984.

A modalidade só voltaria ao programa oficial nos Jogos Paralímpicos de Sidney 2000. A única disciplina do hipismo no programa paralímpico é o Paradestramento, com as seguintes provas: individual, estilo livre individual e por equipes.

Os cavaleiros são classificados em cada grau de acordo com a sua deficiência e funcionalidade (classificação funcional) ou ainda de acordo com o nível de visão (classificação oftalmológica), e julgados pela sua habilidade equestre do conjunto cavalo-cavaleiro, demonstrados por meio a apresentação de reprise (coreografia realizada em picadeiro de 20x40m ou 20x60m).

GRAU I: Atletas com comprometimento severo nos quatro membros. GRAU II: Para cadeirantes ou andantes com boa funcionalidade dos braços. Atletas com comprometimentos unilaterais severos ou com deficiência visual. GRAU III: Atletas andantes com comprometimento unilateral, moderado nos quatro membros ou severo nos braços. Atletas com deficiência visual severa. GRAU IV: Comprometimento leve em um ou dois membros. Atletas com deficiência visual moderada. GRAU V: Comprometimento leve em um ou dois membros; atletas com deficiência visual leve.

A primeira participação do Brasil na modalidade na história dos Jogos Paralímpicos aconteceu em Atenas 2004.

O Brasil será representado por dois cavaleiros nos Jogos Paralímpicos Paris 2024. Após o país ganhar quatro bronzes e uma prata em edições anteriores, o brasileiro Sérgio Oliva e o paulistano Rodolpho Riskalla buscam o inédito ouro.

Ambos são medalhistas paralímpicos. Sérgio tem dois bronzes, conquistados nos Jogos do Rio 2016, nas provas de adestramento individual e no estilo livre individual grau I (atletas com comprometimento severo nos quatro membros).



Foto: Wander Roberto - CPB

# BOLSISTAS

## **Bolsista**

**Sérgio Oliva**

## **Sem Bolsa Atleta em 2024**

**Rodolpho Riskalla**

# JUDÔ

A modalidade é disputada por atletas com deficiência visual, cegos totais ou com baixa visão que são divididos em categorias por peso corporal. O tempo de luta é de quatro minutos. Em caso de empate na pontuação, ela é decidida no Golden Score (ponto de ouro, em inglês), uma espécie de prorrogação, com o vencedor sendo aquele que pontuar primeiro. As lutas acontecem sob as mesmas regras utilizadas pela Federação Internacional de Judô, com pequenas modificações em relação ao judô convencional. A principal delas é que o atleta inicia a luta já em contato com o quimono do oponente. Além disso, o duelo é interrompido quando os lutadores perdem esse contato. Pode haver punições se os judocas saírem da área de combate.

nos Jogos Paralímpicos de Seul, o país conseguiu as suas três primeiras medalhas na história da competição, com os bronzes de Leonel Filho, Júlio Silva e Jaime de Oliveira. Já o responsável pela primeira medalha de ouro do Brasil em Jogos foi o multicampeão Antônio Tenório, em Atlanta 1996. O judô é a terceira modalidade que mais trouxe medalhas para o Brasil na história dos Jogos Paralímpicos, atrás somente de atletismo e natação. Ao todo, foram 25 pódios, sendo cinco ouros (quatro conquistados por Tenório e um por Alana Maldonado), nove pratas e 11 bronzes.

Tanto a categoria feminina quanto a masculina contam com quatro divisões por peso cada.

Além das categorias por peso, os judocas são divididos em duas classes, de acordo com o grau da deficiência visual: J1 (Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância) e J2 (Atletas que conseguem definir imagens).



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Alana Martins Maldonado**  
**Arthur Cavalcante Da Silva**  
**Brenda Souza De Freitas**  
**Elielton Lira De Oliveira**  
**Erika Cheres Zoaga**  
**Harley Damiao Pereira Arruda**  
**Kelly Kethyllin Victório**  
**Larissa Oliveira**  
**Lucia Da Silva Teixeira Araujo**  
**Marcelo Adriano De Azevedo Casanova**  
**Rebeca De Souza Silva**  
**Rosicleide Silva De Andrade**  
**Sergio Fernandes Junior**  
**Thiego Marques Da Silva**  
**Wilians Silva De Araujo**

# NATAÇÃO

Na natação, são disputadas provas de nado crawl (livre), costas, peito, borboleta e medley (prova com os quatro estilos). Para isso, os atletas são submetidos à classificação esportiva (funcional – para atletas com deficiência física –, visual e intelectual) para serem enquadrados em classes de disputa e, assim, poderem participar das competições. Os atletas com menor grau de funcionalidade física podem realizar a largada de dentro da água, em vez de saltar do bloco, e/ou ter auxílio de um staff. Este por sua vez apenas auxilia o atleta na transferência da cadeira para o bloco ou o equilibra. É proibido qualquer tipo de impulso. Já os nadadores com deficiência visual recebem o auxílio do tapper, por meio de um bastão com ponta de espuma e que sinaliza ao esportista a proximidade das bordas para que ele possa realizar a virada ou a chegada no término da prova. A largada também pode ser feita na água, no caso de atletas de classes mais baixas, que não conseguem sair do bloco.

O nadador Daniel Dias é o maior medalhista paralímpico brasileiro com 26 pódios, marca que também lhe rendeu o título de maior nadador paralímpico no masculino. Já a natação é a segunda modalidade em que o Brasil mais conquistou medalhas na história dos Jogos Paralímpicos, com 125 medalhas (40 ouros, 39 pratas e 46 bronzes). Fica atrás apenas do atletismo, que soma 170 pódios.

Na natação podem participar atletas com deficiências física, visual e intelectual. A classe esportiva da natação é composta por letra e número, na qual a letra significa o tipo de nado e o número o grau de comprometimento e/ou funcionalidade. As classes sempre começam com a letra S (de swimming, natação em inglês). S + número da classe do atleta – Nado livre, costas e borboleta; SB + número da classe do atleta – Nado peito; SM + número da classe do atleta – Nado medley. O atleta sempre é submetido à equipe de classificação, que procederá a análise de resíduos musculares por meio de testes de força muscular, mobilidade articular e testes motores (realizados dentro da água). Vale a regra de que, quanto maior a deficiência, menor o número da classe. Quanto maior o grau de comprometimento, menor o número da classe. Classes de 1 a 10: Atletas com limitações físico-motoras. Classes de 11 a 13: Atletas com deficiência visual. Classe 14: Atletas com deficiência intelectual.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Alan Basílio**  
**Ana Karolina Soares**  
**Andrey Madeira**  
**Arthur Xavier**  
**Beatriz Carneiro**  
**Bruno Becker**  
**Cecília Araújo**  
**Daniel Mendes**  
**Débora Carneiro**  
**Douglas Matera**  
**Edênia Garcia**  
**Gabriel Araújo**  
**Esthefany Rodrigues**  
**Gabriel Bandeira**  
**Gabriel Cristiano**  
**Gabriel Araújo**  
**João Pedro Brutos**  
**Gabriel Melone**  
**José Ronaldo da Silva**  
**Laila Suzigan**  
**Lídia Cruz**  
**Lucas Mozela**  
**Lucilene Sousa**  
**Maiara Barreto**  
**Maria Carolina Santiago**  
**Mariana Gesteira**  
**Matheus Rheine**  
**Mayara Amaral**  
**Patricia Pereira**  
**Phelipe Rodrigues**  
**Raquel Viel**  
**Roberto Alcalde**  
**Ruan Souza**  
**Samuel Oliveira**  
**Talisson Glock**  
**Victor Almeida**  
**Vitória Ribeiro**  
**Wendell Belarmino**

# REMO

O remo está no programa paralímpico desde os Jogos de Pequim 2008. A estreia do Brasil na modalidade aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Pequim 2008, quando o país conquistou a primeira medalha na modalidade com o bronze no double skiff misto com Elton Santana e Josiane Lima. Depois, em Tóquio 2020, o país voltou a subir no pódio em uma edição de Jogos com o bronze do baiano Renê Pereira no single skiff masculino.

O remo paralímpico consiste na prática do remo por pessoas com deficiência ou limitação física, visual ou déficit intelectual, que tenham mobilidade mínima de braços. As categorias da modalidade separam os atletas pelo seu tipo de deficiência física. PR1: Remadores com função mínima ou nenhuma função de tronco que impulsionam o barco, principalmente, por meio da função de braço e ombro. Esses remadores têm um equilíbrio insuficiente ao sentar, o que exige que sejam amarrados ao barco/assento. PR2: Remadores que possuem uso funcional dos braços e tronco, mas apresentam fraqueza/ausência da função das pernas para deslizar o assento. PR3: Remadores com função residual nas pernas que lhes permite deslizar no assento. Esta classe também inclui atletas com deficiência visual.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Alina Dumas**  
**Claudia Cicero Dos Santos**  
**Diana Cristina Barcelos De Oliveira**  
**Erik Matheus Da Silva Lima**  
**Gabriel Mendes De Souza**  
**Jairo Natanael Frohlich Klug**  
**Priscila Barreto De Souza**

# TAEKWONDO

Assim como em outras lutas, o taekwondo paralímpico é disputado por dois atletas, um com colete azul e outro vermelho. O colete possui sensores capazes de medir a potência do chute quando em contato com a meia do oponente. A meia tem 12 sensores em pontos distintos do pé.

O taekwondo paralímpico estreou no programa dos Jogos Paralímpicos somente em Tóquio 2020. E, logo na estreia, os brasileiros conquistaram três medalhas: ouro do paulista Nathan Torquato, prata da também paulista Débora Menezes e bronze da paraibana Silvana Fernandes.

As classes esportivas do taekwondo são definidas pela letra P (poonse – forma) e K (kiorugui – luta). A classe que faz parte do programa dos Jogos Paralímpicos é apenas a K44, para atletas com amputação unilateral do cotovelo até a articulação da mão, dismelia unilateral, monoplegia, hemiplegia leve e diferença de tamanho nos membros inferiores, amputação bilateral do cotovelo até a articulação da mão, e dismelia bilateral.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Ana Carolina Moura**  
**Claro Lopes**  
**Débora Menezes**  
**Maria Eduarda Stumpf**  
**Nathan Torquato**  
**Silvana Fernandes**

# TÊNIS

As semelhanças com o tênis convencional são muitas, mas existe a chamada regra dos dois quiques, que determina que o atleta cadeirante precisa mandar a bola para o outro lado antes que ela toque no chão pela terceira vez. As cadeiras utilizadas também são esportivas, com rodas adaptadas para um melhor equilíbrio e mobilidade. Não há diferença em relação às raquetes e às bolas. Em Paris 2024, será a oitava participação do Brasil na modalidade na história da competição. A estreia foi em Atlanta 1996.

O único requisito para que uma pessoa possa competir em cadeira de rodas é ter sido medicamente diagnosticada com uma deficiência relacionada à locomoção, ou seja, deve ter total ou substancial perda funcional de uma ou mais partes extremas do corpo. Se como resultado dessa limitação funcional a pessoa for incapaz de participar de competições de tênis convencionais (para pessoas sem deficiência física), deslocando-se na quadra com velocidade adequada, estará credenciada para participar dos torneios de tênis para cadeirantes. Open ou aberta: Atletas diagnosticados obrigatoriamente com alguma deficiência nos membros inferiores. Quad ou tetra: Atletas com deficiência em três ou mais extremidades do corpo.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Daniel Rodrigues**  
**Gustavo Carneiro**  
**Ymanitu Silva**  
**Leandro Pena**

# TÊNIS DE MESA

O tênis de mesa paralímpico é praticado por atletas com paralisia cerebral, amputados, cadeirantes e pessoas com deficiência intelectual. São 11 classes. De 1 a 5 para cadeirantes. De seis a 10, para "andantes". Nos dois casos, vale a regra: quanto menor o número da classe, maior a restrição de mobilidade. A classe 11 é para andantes com deficiência intelectual. Em Paris, há 31 eventos com medalhas.

O tênis de mesa existe no programa paralímpico desde a primeira edição oficial dos Jogos, em 1960, em Roma. Curiosamente, o programa dos Jogos Olímpicos só incluiria a modalidade 28 anos depois, na edição de Seul, na Coreia do Sul, em 1988.

Até hoje, na história da modalidade em Jogos Paralímpicos, o país conquistou oito medalhas. São três pratas e cinco bronzes.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Bruna Alexandre**  
**Carla Maia**  
**Catia Oliveira**  
**Claudio Massad**  
**Danielle Rauen**  
**Evellyn dos Santos**  
**Israel Stroh**  
**Jennyfer Parinos**  
**Joyce Oliveira**  
**Lucas Arabian**  
**Luíz Manara**  
**Marliane Santos**  
**Paulo Salmin**  
**Sophia Kelmer**  
**Thiago Gomes**

# TIRO COM ARCO

O tiro com arco paralímpico pode ser disputado por pessoas com amputações, paraplégicos e tetraplégicos, paralisia cerebral, doenças disfuncionais e progressivas, como a atrofia muscular e escleroses, com disfunções nas articulações, problemas na coluna e múltiplas deficiências. Além das provas individuais, a modalidade ainda conta com a disputa por equipes, com três arqueiros em cada time. As regras do tiro com arco paralímpico são as mesmas do esporte olímpico. Os participantes têm como objetivo acertar as flechas o mais perto possível do centro do alvo, que fica colocado a uma distância de 70m e tem 1,22m de diâmetro, formado por dez círculos concêntricos. O mais externo vale um ponto, e o central, dez. Quanto mais próxima do círculo central estiver a flecha, maior a pontuação obtida.

No tiro com arco, os atletas são divididos em três grupos de classes, que se diferenciam pelas capacidades do atleta de ficar em pé e/ou de locomoção nos braços e tronco: W1 e W2, OPEN (Arco recurvo e composto) e V1, V2 e V3 (atletas com deficiência visual). W1 e W2: Para atletas com deficiências graves, em três ou quatro membros (braços e nas pernas). OPEN (Arco recurvo e composto): Para atletas com deficiência em um membro (superior ou inferior) ou ainda em dois membros (inferiores ou superior e inferior do mesmo lado).



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Eugenio Santana Franco**  
**Jane Karla Rodrigues Gogel**  
**Juliana Cristina Ferreira Da Silva**  
**Luciano Reinaldo Rezende**  
**Reinaldo Vagner Charao Ferreira**

# TIRO ESPORTIVO

O tiro esportivo é uma modalidade que exige concentração, técnica e prática. Carabinas e pistolas de ar são utilizadas nos eventos de 10 metros de distância. Já nos 25 metros, é uma pistola de perfuração (pólvora) que toma conta da disputa. Carabinas de perfuração e pistolas são as armas das provas de 50m. A modalidade estreou nos Jogos Paralímpicos de 1976, em Toronto, apenas com homens nas disputas. Quatro anos depois, em Arnhem, na Holanda, as mulheres entraram na disputa, inclusive em provas mistas.

A estreia brasileira ocorreu em 1976. A segunda aparição de brasileiros veio somente em Pequim 2008, após 32 anos fora do evento, com Carlos Garletti, que também disputou os Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e do Rio 2016.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Alexandre Augusto Galgani**

**Bruno Stov Kiefer**

# TRIATLO

A modalidade estreou em Jogos Paralímpico no Rio 2016. Já em Paris 2024, será a terceira participação do país no triatlo na história da competição.

São seis classes diferentes, cinco delas com deficiências físico-motoras e paralisia cerebral e uma para deficiência visual (parcial ou total). O atual sistema é composto por um método de pontuação que leva em conta a deficiência e mobilidade do atleta. PTWC: Cadeirantes competem na PTWC. Utilizam handcycle e cadeira de rodas para corrida. A classe ainda é dividida nas subclasses PTWC1 (deficiências mais severas) e PTWC2 (menos severas). PTS2, PTS3, PTS4 E PTS5: Atletas com deficiências físico-motoras e paralisia cerebral andantes competem nestas classes, sendo a PTS2 para deficiências mais severas e PTS5 para deficiências mais moderadas. PTVI: Classe destinada a triatletas cegos.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Jessica Moreira Ferreira**  
**Leticia De Oliveira Freitas**  
**Ronan Nunes Cordeiro**  
**Giovanna Alves Opipari (Atleta-guia)**

# VÔLEI SENTADO

No vôlei sentado, podem competir homens e mulheres que possuam alguma deficiência física ou relacionada à locomoção. São seis jogadores em cada time, divididos por uma rede de altura diferente e em uma quadra menor do que na versão olímpica da modalidade. Os sets têm 25 pontos corridos e, o tie-break, 15. Ganha a partida a equipe que vencer três sets. A quadra mede 10m de comprimento por 6m de largura. A altura da rede é de 1,15m no masculino e 1,05m no feminino. É permitido bloqueio de saque, mas os jogadores devem manter o contato com o solo o tempo todo, exceto em deslocamentos.

A Seleção Brasileira estreou na disputa dos Jogos Paralímpicos em Pequim 2008, apenas com a equipe masculina, que terminou a competição em sexto lugar. O melhor resultado brasileiro veio no Rio 2016, com a conquista do bronze pela Seleção feminina, campanha que viria a se repetir em Tóquio 2020.

De acordo com o grau de impacto nas funções na modalidade ocasionado pela sua deficiência, os atletas são divididos em dois grupos: VS1 e VS2. Na classe VS1 estão os atletas com uma deficiência que tem maior impacto nas funções essenciais do vôlei sentado. Ex: amputados de perna. Na classe VS2 estão os atletas com uma deficiência com menor interferência nas funções em quadra. Ex: amputação de parte do pé, amputação bilateral de polegar.



# BOLSISTAS

## **Bolsistas**

**Ádria Jesus**  
**Bruna Lima**  
**Camila Leiria**  
**Edwarda de Oliveira**  
**Gizele Dias**  
**Janaína Petit**  
**Laiana Batista**  
**Luíza Fiorese**  
**Nathalie Filomena**  
**Nurya Almeida**  
**Pâmela Pereira**  
**Suellen Dellangelica**  
**Alex Pereira**  
**Anderson dos Santos**  
**Daniel Yoshizawa**  
**Diogo Rebouças**  
**Levi Gomes**  
**Luís Fabiano de Oliveira**  
**Márcio Borges**  
**Raysson Ferreira**  
**Renato Leite**  
**Thiago Rocha**  
**Wellington Platini**  
**Wescley Oliveira**

MINISTÉRIO DO  
ESPORTE

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO